

## A Dança dos Mancos na festa de S. Gonçalinho em Aveiro

POR

**J. R. dos Santos Júnior \***

Professor cat. jub. de Antropologia da F. C. U. P.  
Membre Titulaire da «Société d'Ethnographie de Paris»  
Da Sociedade Brasileira de Folk-Lore (Sócio titular) (Natal)

Ao Rev. P.<sup>o</sup> João Gonçalves Gaspar  
aveirógrafo de essinalados méritos

O. D. C.

Uma *dança de mancos* é coisa que deve impressionar um certo número de pessoas, muitas ou poucas Deus o sabe.

A mim, apaixonado estudioso da Etnografia do nosso País em múltiplos dos seus aspectos, e nomeadamente na coreografia popular de Trás-os-Montes <sup>(1)</sup>, quando há anos pela primeira vez me falaram em tal dança logo fiz tenção de a ir ver e estudá-la, sem no entanto sentir grande espanto ou admiração.

É que há muito sabia o prolóquio corrente no nosso povo em afirmação categórica de que, *para cantar, um gago, e para dançar, um coxo*.

Foi neste ano de 1984 que tive oportunidade de ir a Aveiro à festa de S. Gonçalinho, para ver a *dança dos mancos*, singular manifestação de culto e adoração a S. Gonçalinho, que tem

---

\* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.

(1) António M. Mourinho & J. R. dos Santos Júnior, *Coreografia popular trasmontana (Moncorvo e Terra de Miranda)*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia, Vol. 23, Porto, 1980, págs. 439 a 587, e 85 figs.

a sua capela no antigo bairro pescatório da Beira-Mar, na freguesia de Vera Cruz, da cidade de Aveiro.

O S. Gonçalinho de Aveiro é uma extensão do S. Gonçalo de Amarante, como no-lo ensina o erudito publicista Rev.º P.º João Gonçalves no seu livrinho *S. Gonçalo de Amarante de Guimarães por Amarante até Aveiro*, Tip. «A Lusitânia», Aveiro, 39 págs. e 3 Figs.

O livrinho, que foi editado pela mordomia das Festas de S. Gonçalinho em 1975, trata de S. Gonçalo na História e na lenda. Abre com o capítulo *Infância e Sacerdócio*. O 2.º capítulo descreve a *Peregrinação à Terra Santa*. Seguem-se os capítulos *Em Amarante*, *Na memória dos Homens*, e, por último, *Em Aveiro*.

A vida apostólica de S. Gonçalo — S. Gonçalinho, como com ternura e carinho lhe chamam os pescadores e os mareantes do bairro da *Beira-Mar*, da cidade de Aveiro—já pelo conhecimento histórico da sua vida de piedade cristã, já como doutrineiro pregador dos preceitos evangélicos nas suas muitas andanças pelas terras do Entre-Douro e Minho, nomeadamente nas cercanias amarantinas da Serra do Marão, bem merece as manifestações de culto e adoração do nosso povo, que faz dele o santo mais popular depois de Santo António.

#### A FESTA DE S. GONÇALINHO EM AVEIRO, EM JANEIRO DE 1984

A data da realização da festa é no dia 10 de Janeiro ou no domingo seguinte.

Como este ano de 1984, o 10 de Janeiro caiu a uma terça-feira a festa passou para o dia 15, domingo.

Nesse dia cheguei a Aveiro cerca do meio-dia.

Depois de instalado fui à capela de S. Gonçalinho. Quando lá cheguei já estava a findar a missa de festa com sermão.

Convidado por pessoa amigo a almoçar na sua casa bem vizinha da capela de S. Gonçalinho, pois dela a separa apenas

a largura da rua, seriam 14 horas e meia quando se ouviu tocar a sineta da capela num rápido e vibrante badalar.

Um dos convivas comentou.

— Lá começaram a *atirar as cavacas*.

O *atirar das cavacas* que se iniciou naquela tarde de domingo, primeiro dia da festa, repetiu-se nas tardes de segunda e de terça-feira, e mesmo na noite de domingo e de segunda-feira. É uma bem característica e original manifestação de tributo do culto e veneração prestados ao Santo pelos romeiros.

No desejo de cumprir os preceitos seguidos pelos romeiros, fui a uma das mesas das doceiras que se estendiam ao deslado da rua que leva à capela, e pedi para me vender 1 quilo de cavacas.

A doceira prontamente inquiriu:

— De quais? Das *de comer* ou das *de atirar*?

Perante a minha atitude, num misto de curiosidade admirativa e algo interrogativa, logo acrescentou.

— As *de comer* são moles, as *de atirar* são rijas.

O preço de umas e outras era igual, 260 escudos o quilo.

As cavacas rijas são na verdade bem duras. É preciso ter bons dentes para as rilhar.

Têm, no geral, a forma elíptica alongada, com cerca de um palmo de comprimento, mão travesa de largura e grossura entre 10 a 15 mm. São um tanto enconchadas. À primeira vista fazem lembrar uma pègada em terra mole. Algumas tinham a toda a periferia um rebordo saliente, mais alto e revirado numa das pontas que parece querer representar a proa dum barco.

Palmilha, pègada ou barco são as três hipóteses que julgo podem pôr-se à forma daquelas cavacas.

Uma das que comprei, e que conservo, tem de comprimento 19 cm, largura de 8,5 cm, grossura de 3 mm e com encurvado simétrico a meio de 6,5 cm de largura. Pesa 80 g.

Com as cavacas em saquinha de plástico fui à capela para as atirar.

Quando ia a subir as escadas de pedra em caracol que partem da sacristia, um dos mordomos da festa disse-me para não subir sem averiguar se alguém vinha a descer.



Fig. 1 — A capela de S. Gonçalinho e a multidão à espera do atirar das cavacas pelas pessoas que estão na platibanda ou varandim.

Esta fotografia e as seguintes foram tiradas pelo amigo Gervásio Aleluia Lapa de Oliveira

É que a escada é tão estreita, que se duas pessoas se encontram, uma a subir e outra a descer, uma delas tem de recuar ou então trespassarem num abraço de bem arrimado corpo-a-corpo e atento equilíbrio, pois os degraus são estreitos.

Subi os 37 degraus até à platibanda ou varandim em corredor a toda a roda da torrinha sineira.

Antes de se começar a atirar as cavacas há que tanger a sineta com repetidas e bem sonantes badaladas, que vi quase sempre manterem-se repicadas e vibrantes enquanto durava o arremesso.

É o aviso às pessoas que estão no terraço empedrado na frente da capela. Imediatamente algumas pessoas abrem guarda-chuvas, que, pegados pelas ponteiros, ficam ao alto postos em concha para melhor apanharem no ar as cavacas que lhe passem ao alcance. Mocetões, que se arrimam a varas de dois a dois metros e meio de comprimento, com *roda-fole* amarrado na ponta, a que ouvi chamar *nassa*, lépidos os soerguem, prontos a pescar no ar as cavacas que habilmente possam conseguir encafuar no saco de rede da ponta das varas.

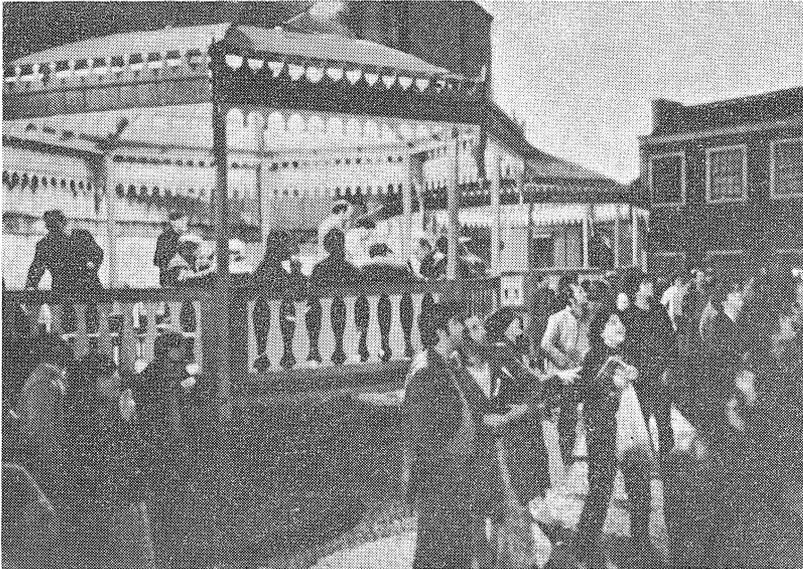


Fig. 2 — A multidão no terraço fronteiro à capela todos a olhar ao alto aguardam o atirar das cavacas.

Quase sempre atira-se uma cavaca de cada vez, como quem atira uma pedra, e jogada com força.

Só uma vez assisti ao arremesso das cavacas por um grupo de 5 ou 6 pessoas encostadas ao varandim de pedra da platibanda, em que uma delas atirava às três de cada vez e as outras 4 ou 5 iam atirando também, mas só uma de cada vez.

Foi uma verdadeira saraivada de cavacas, em que durante poucos minutos devem ter sido atiradas bastante mais de 100 cavacas.

Quando cheguei ao terraço em platibanda da capela logo me disseram que antes de atirar as cavacas era preciso tocar a sineta.

Quando me preparava para subir uns poucos de degraus de uma escadinha de ferro, uma mocetona ali ao lado antecipou-se e desatou a badalar em ritmo acelerado, como vi ser a regra geral.

Mal a sineta começou a baladar a gente que se encontrava dispersa pelo terraço empedrado e junto dos dois coretos das bandas de música, começou a concentrar-se frente ao sítio onde me encontrava, sempre a olhar ao alto, e logo uns 10 paus com roda-fole ou nassas, amarrados na ponta, se ergueram bem ao alto, e guarda-chuvas se abrirem de cabo ao alto e pegados pela ponteira ((Fig. 1).

As varas com saco de rede na ponta eram manobradas com habilidade, pescando no ar as cavacas que lhe passavam ao alcance.

Há que estar de olhos no ar, atento à trajectória das cavacas, para evitar apanhar com alguma na cabeça.

Contou-me um dos mordomos da festa que já não é nem a primeira nem a segunda vez que alguns distraídos ou desatentos se têm ido curar ao Hospital de rachadelas de cabeça. É que as cavacas são rijas e atiradas de um pouco mais de 10 m da altura.

Ao começo da noite do dia 16, segunda-feira, estava encostado à parede da casa atrás referida que só a largura da rua separa do terraço da capela, seriam umas 22 horas, e com o dono da casa que estava ao meu lado, comentava a quantidade de cavacas que várias pessoas iam atirando, umas atrás das outras, ao mesmo tempo que iam seguindo a platibanda à roda da torrinha sineira.

Em dada altura começaram a chover cavacas na nossa direcção.

Uma que me vinha direita à cabeça amparei-a com a mão, que me ficou a doer um bom pedaço, e que o companheiro a meu lado ainda apanhou no ar, saltada do embate na minha mão.

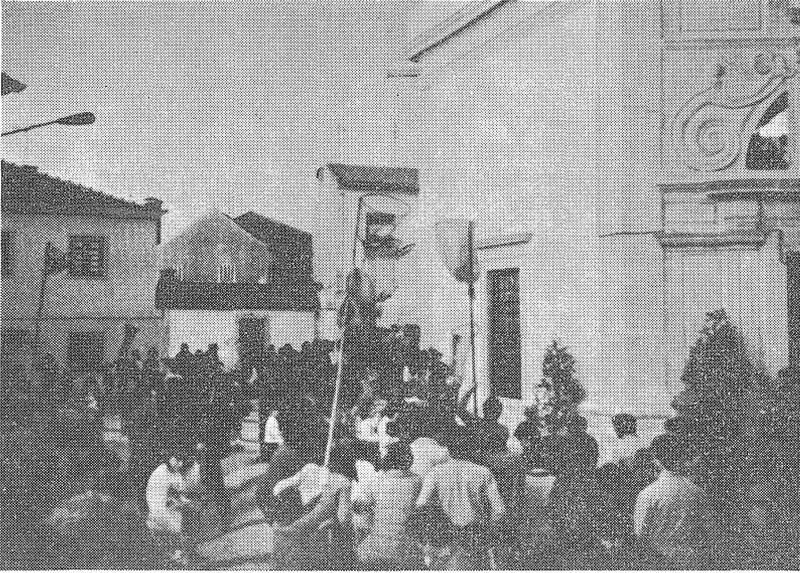


Fig. 3 — O atirar das cavacas a um dos lados da capela.

Uma cavaca que caíu no chão à nossa beira, ia a ser apanhada pelo meu companheiro quando uma velhota se dobrava no intento de a apanhar. Apanhou-a o meu companheiro e logo a deu à velhota, que deixou transparecer no rosto um misto de agradecimento e de satisfação por levar a cavaca que não se tinha partido.

Não consegui averiguar o porquê do interesse das pessoas em conseguirem as *cavacas atiradas*.

Contou-me um dos mordomos que na tarde de domingo apareceu uma senhora de Aveiro com duas grandes sacas de cavacas, cada uma com alguns quilos, talvez uns 3 a 4.

Subiu ao alto da capela e atirou todas as cavacas de uma das sacas.

Quando desceu e estava para ir embora entregou a saca com cavacas a uma mulher que estava ao lado, afastou-se um pouco e pediu-lhe que lha *atirasse*. Apanhou a saca no ar às mãos ambas e logo abalou. Estava cumprido o simbólico rito do arremesso.

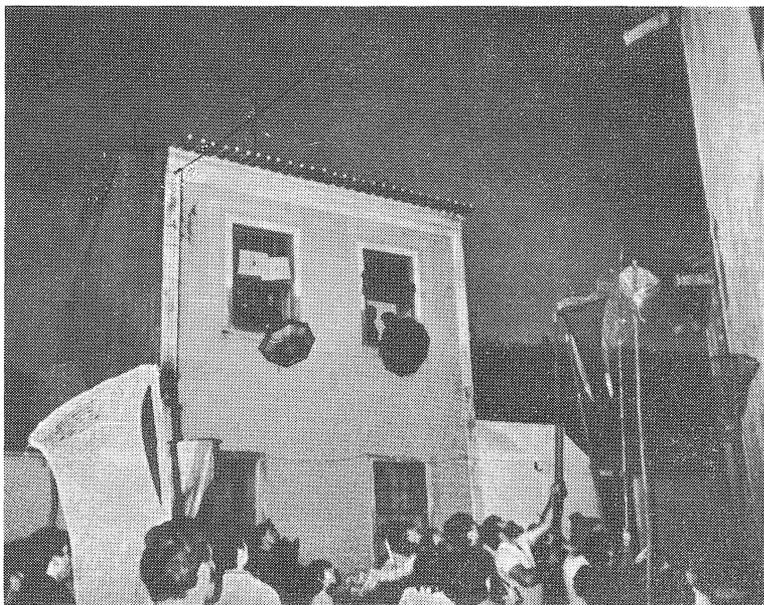


Fig. 4 — Já de noite continuou o atirar das cavacas. Nas janelas 2 guarda-chuvas abertos em concha para receber as cavacas.

Na tarde do dia 15, domingo, o arremesso das cavacas começou, como já disse, pelas 14,30 horas. Manteve-se com naturais intermitências toda a tarde, e ainda pela noite adiante houve chuva de cavacas.

Um dos mordomos, Sr. Américo Fernandes dos Santos, meu gentil informador, disse que na tarde e noite de domingo se calculou terem sido atirados mais de 200 quilos de cavacas. De facto quando pelas 22 horas passei no terreiro fronteiro e

à roda da capela vi o chão astrado de pedaços de cavacas todos pequenos. Os maiores eram poucos os que excediam o tamanho de bugalhos.



Fig. 5 — Uma garotinha, que se deixou fotografar pelo meu companheiro Gervásio Aleluia com o guarda-chuva aberto em concha já caçara no ar as cavacas que tinha na saca.

## 2.º DIA DA FESTA: SEGUNDA-FEIRA

Toda a manhã a festa prosseguiu embora com menos afluência de romeiros. Então pude observar com algum pormenor os altares da capela.

O altar-mor, com a imagem do S. Gonçalinho empunhando a bengala, estava ornado com uns 120 lindos cravos brancos e 4 jarras com tulipas amarelas.

O altar do lado do Evangelho com a imagem do Ecce-Homo estava enfeitado com cerca de 10 dúzias de cravos

cor de rosa. Do outro lado do altar-mor é o altar de S. Nicolau, igualmente enfeitado com a mesma quantidade de cravos cor de rosa.

No altar-mor do S. Gonçalinho, na mesa e nas banquetas, contei as seguintes peças de cera: 6 pernas; 5 cabeças, 4 pequeninas e 1 maior; 1 pé; 2 velas compridas estendidas no degrau do altar.

Mas na noite do dia seguinte na pequena sacristia por trás do altar-mor contei as seguintes peças de cera:

9 pernas, 7 de adultos e 2 de criança; 3 braços; 1 mão; 3 pés; 7 cabeças; 5 estatuetas; 4 colares de cera ou gargantilhas; oferendas de milagrosas curas por intercessão do S. Gonçalinho, que é especialmente invocado para a cura de doenças nos ossos.

Ninguém me soube explicar a preferência de cravos a enfeitar os altares e o significado da oferta de cravos ao S. Gonçalinho, dos quais vi 7 ramos de cravos vermelhos postos no chão ao pé do altar.

Na tarde de 2.<sup>a</sup>-feira continuou o arremesso de cavacas do alto da capela que começou cerca das 15 horas e, com intermitências maiores ou menores, continuou toda a tarde.

Às 18 horas, já anoitecido, vários romeiros continuavam a atirar cavacas, e, sem que eu saiba porquê, foram-nas atirando ao mesmo tempo que iam andando na platibanda ou varandim à roda da cúpula sineira, que uma pessoa tocava ininterruptamente. Atiraram as cavacas à frente, aos lados e atrás da capela que é de planta hexagonal. A multidão, onde se viam alguns paus ao alto com nassas amarradas nas pontas, guarda-chuvas abertos pegados pela ponteira, de olho atento e mão lépida, pronta a apanhar no ar as cavacas que lhe passassem ao alcance, foi também andando à roda da capela.

### ADORAÇÃO AO S. GONÇALINHO

À meia tarde do dia 16 as muitas pessoas que quase enchiam a capela cantaram ao S. Gonçalinho os versos que

gentilmente me forneceu um dos mordomos e que a seguir se publicam.

## I

Vamos todos em romagem  
Nossas ofertas levar,  
E, perante a sua imagem,  
S. Gonçalinho adorar.

## II

Ele é nosso padroeiro.  
Bem merece devoções,  
O santo mais milagreiro  
De tão nobres tradições,

## III

Santo casamenteiro  
Casai as feias e as belas.  
Nosso santo rapioqueiro  
Não te esqueças das donzelas.

## IV

Faz o nosso casamento  
Rico santo tão formoso.  
Terás ofertas de espavento,  
Um presente primoroso.

## V

No teu dia que festança,  
Para ti vai nosso carinho.  
Hás-de ir connosco na dança  
Ó rico S. Gonçalinho.

## VI

Hás-de saltar as fogueiras  
A noite do arraial  
Dansar com velhas gaiteras  
Uma dança divinal.

### ENTREGA DO RAMO AOS NOVOS MORDOMOS

Pouco passava das 18 horas fez-se a *entrega do ramo* aos novos mordomos.

O ramo é grande, de flores artificiais, e há muitos anos é conservado com religioso cuidado. Tem um eixo de pau com punho (Fig. 6).

É levado pelo presidente da mordomia com animado acompanhamento organizado no terraço fronteiro à capela.

A música a tocar é seguida por acompanhamento numeroso. Algumas pessoas vão bailaricando.

No acto da entrega do ramo o recipiêdo beija o ramo, e em sua casa entram os mordomos, os músicos, alguns amigos e bebe-se um copo de vinho.

Informou um dos mordomos que dantes como aos mancos não lhe era fácil tomar parte no acompanhamento da entrega do ramo, estes ficavam no terreiro e dançavam animadamente.

Este ano não soube que se tenha feito tal dança dos mancos.



Fig. 6—O velho ramo da mordonia que todos os anos é entregue aos mordomos que entram.

O que houve, eram 19 horas, no regresso da música da entrega do ramo, foi um animado bailado da muita gente que enchia o terraço fronteiro à capela.

Encostado a um dos coretos da música, assisti àquela animada dança, ora aos pares, ora de mãos dadas formando roda, que chegou a quase toda a largura do terraço.

Em dada altura uma distinta senhora já de alguns cabelos brancos, que dançava animadamente, veio arrastar-me e tive mesmo de dançar apoiado na bengala e no braço daquela minha inesperada e gentilíssima companheira.

Ao fim de poucos minutos fizeram grande roda e eu e a minha gentil companheira no meio íamos dançando enquanto a roda ora à direita ora à esquerda dançava com esfusiante alegria.

Aquela dança não se podia chamar dança dos mancos pois fui eu o único manco que nela se viu dançar.

Fui forçado a compartilhar naquela entusiástica agitação coreográfica, em que, durante talvez 20 minutos a meia hora, todos dançaram animadamente quase sem parança.

Quando a música ao fim de alguns minutos deixava de tocar estalava um palmeado tão vibrante e demorado que os cansados músicos não tinham outro remédio senão abocar os instrumentos e tocar ao compasso marcado pelo bombo.

Estava no programa fazer-se a *dança dos mancos* pelas 23 horas na capela, que eu não deixaria de ir ver, pois era esse o motivo fundamental da minha ida à festa do S. Gonçalinho.

Na dança em que fui arrastado a compartilhar, que começou cerca das 19 horas e se conservou animada uma boa meia hora ou a passar, vi a dançar algumas senhoras e cavaleiros da primeira sociedade aveirense.

A gentilíssima senhora que me arrastou a dançar combinou que seríamos o par na *dança dos mancos* às 23 horas.

Afinal soube-se, quase ao chegar a hora aprazada, que a *dança dos mancos* só se faria no dia seguinte às 23 horas.

Na noite do dia 16, cerca das 22 horas, a sineta tocou vibrantemente. Saí da casa vizinha, que, como disse, ficava separada do terraço da capela apenas pela largura da rua, assisti a uma verdadeira saraivada de cavacas. Vários homens no varandim ou platibanda do alto da capela atiravam cavacas.

Um deles atirava às 3 de cada vez. Os atiradores de cavacas foram seguindo o varandim à roda da cúpula da sineta,

sempre badalada insistentemente. Arremessaram cavacas para as pessoas que estavam no terraço fronteiro à capela. Depois andando à esquerda continuaram a atirar cavacas ao lado, na traseira da capela e depois do outro lado. Ora era precisamente deste lado que fica a casa da pessoa amiga que gentilmente me abriu as portas e que naquele momento estava a meu lado.

Não sei porquê fomos bombardeados por um chuvaço de cavacas. Se não meto a mão a uma cavaca que me vinha direita à cabeça talvez ficasse com ela rachada. Aliás um dos mordomos, com quem falei naqueles 3 dias da festa, já me tinha dito que não tem sido só 1 nem 2 os que de cabeça rachada pelas cavacas têm ido ao hospital suturar a rachadela.

Calculo que naquele período de pouco mais de 5 minutos foram atiradas mais de 50 cavacas.

Numa volta que dei pelo terraço vi-o semeado de quantidade de pedaços de cavacas; também os havia na rua fronteira à casa onde eu estava, embora em menor número.

### 3.º DIA DA FESTA: 17 DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA

O terceiro dia da festa estava assinalado pela *dança dos mancos* que se faria na capela entre as 23 e as 24 horas.

Às 21 horas com o excelente companheiro daqueles três dias, António Januário Rodrigues Barros, aveirense, casado com uma minha neta, chegamos às 23 horas à capela que ainda estava fechada.

Passados poucos minutos chegaram 8 mulheres, uma das quais abriu a porta da sacristia. Eram as zeladoras da capela. Vieram depois mais 6. Sentadas nos bancos da capela conversaram animadamente.

Foram chegando alguns homens, uns 15, e alguns mordomos.

Em dada altura as mulheres com um ar de satisfação e de alegria, claramente manifestados, começaram a cantar as 8 estrofes que a seguir se publicam.

<p>S. Gonçalo arredai os bancos.                  Eu quero dançar                  Uma dança de mancos.                  Quando os mancos                  Querem dançar                  Que farão aqueles                  Que podem andar.                  Ai sim ai sim                  Ai sim ai não.                  Santo da minha alma,                  Do meu coração.</p> <p>S. Gonçalo de lá de Cima                  É das vélhas corraleiras.                  O Santo de cá de baixo                  É das novas pescadeiras.                  Ai sim ai sim                  Ai sim ai não.                  Santo da minha alma,                  Do meu coração.</p> <p>Oh meu rico S. Gonçalinho                  Casai-me que bem podeis                  Eu já tinha teias de aranha                  Naquilo que vós sabeis.                  Ai sim ai sim                  Ai sim ai não.                  Santo da minha alma,                  Do meu coração.</p> <p>S. Gonçalo está a mijar <sup>(1)</sup>                  Três navios fez andar                  Ainda lá vem um à vela                  Para S. Gonçalo acabar                  A mijadela <sup>(2)</sup>.                  Ai sim ai sim                  Ai sim ai não.                  Santo da minha alma,                  Do meu coração.</p>	<p>S. Gonçalo, a minha mulher mente.                  Eu casei com ela                  Mas não estou contente.                  Ai sim ai sim                  Ai sim ai não.                  Santo da minha alma,                  Do meu coração.</p> <p>S. Gonçalo foi ao forno,                  Tôdo cabelo queimou.                  A culpa não foi do Santo.                  Foi de quem o lá mandou.                  Ai sim ai sim                  Ai sim ai não.                  Santo da minha alma,                  Do meu coração.</p> <p>Se fores a S. Gonçalo                  Trazei-me um Gonçalinho,                  Se não poderes com o grande                  Trazei-me um mais pequenino.                  Ai sim ai sim                  Ai sim ai não.                  Santo da minha alma,                  Do meu coração.</p> <p>Se fores a S. Gonçalo                  Trazei-me um cestinho de ovos.                  Se eles disserem que são poucos,                  Dizei que não são chocos.                  Ai sim ai sim                  Ai sim ai não.                  Santo da minha alma,                  Do meu coração.</p>
---	--

---

(1) Este verso melhorava substituindo o *está a* por *com*. Aliás no Congresso Internacional de Etnografia que se fez em Santo Tirso em 1965

Parece que estas estrofes, das quais, um dos mordomos gentilmente me deu uma cópia, são as mesmas da ária a cantar pelos mancos durante a dança que eu esperava ver dançar.

Às 21 horas e 45 minutos as mulheres começaram por arrumar na sacristia as cera das promessas dos devotos. Depois seguiu-se o arrumo dos altares.

Tiraram os muitos cravos que os enfeitavam e suas jarras, que foram colocando nos bancos.

Trepadas em cadeiras, com panos, foram, de cima a baixo, limpando o pó das banquetas e mesas dos altares.

Eram 22 horas e 15 minutos quando, depois de terem arrumado tudo, as flores e jarras e limpado o pó; começaram a repor as jarras com algumas flores escolhidas na profusão das que enfeitavam os altares.

As mulheres eram 20 e também contei 20 homens.

O presidente da mordomia Sr. Cabral Monteiro durante alguns minutos falou ao microfone de um registador de som, certamente do repórter de qualquer jornal.

Seriam 22 horas e 45 minutos depois de enfeitados os altares as mulheres sentaram-se nos bancos e voltaram a cantar a mesma ária que haviam cantado de entrada.

Reparei que alguns homens foram saindo a pouco e pouco. Poucos ficaram e só as 20 mulheres.

---

ouvi cantar a um grupo folclórico algarvio, ao som do «Corridinho», os seguintes versos.

Uma velha muito velha	Sete barcos fez andar.
Foi mijar ao Rossio.	Tragam lá um alguidar
Deu-lhe o vento na gaiola	Qu'a velha inda quer mijar.
Fê-la mijar de assobio.	Tragam lá uma tijelinha
À primeira mijadela	Qu'a velha inda tem pinguinha.
Fez andar um barco à vela.	E ao fim a velha clamou
E a velha com mijar	Que com vergonha não mijou.

(2) Em Montalegre, quase à entrada daquela típica vila trasmontana, e à borda da estrada, há a *Fonte da Mijadela* assim chamada por o seu delgado fio de água ser tal e qual o fluxo da urina no acto da micção.

Quando eu esperava que elas começassem a arredar os bancos e deixar livre o meio da capela para se fazer a dança dos mancos, pelas 23 horas menos 5 minutos o mordomo Sr. João Monteiro veio dizer-me que afinal já não se fazia a dança, e explicou: «os 10 ou 12 rapazes, consados com os trabalhos da tarde, não quiseram vir».

E assim terminou a minha ida à festa do S. Gonçalinho sem ter visto a *dança dos mancos*, que havia sido marcada para a noite de segunda-feira, adiada para aquela noite de terça-feira e que, afinal, se não fez, «por os rapazes estarem cansados de trabalhar».

#### ALGUMAS NOTAS COMPLEMENTARES

##### *A bengala de S. Gonçalinho*

O S. Gonçalinho, quer na imagem do cimo do altar-mor, quer nas estampas que se dão aos devotos que deixam esmola, é representado com a bengala segurada a meio pela mão direita do santo.

É aquilo a que o povo alude chamando-lhe a bengala ou a bengalinha de S. Gonçalo.

Um dos mordomos da festa deste ano teve a gentileza de me mostrar uma bengala de prata que tem gravada a data de 1916. Essa bengala que não pude medir mas deve ter 80 a 85 cm de comprimento foi oferecida em 1916 pelo aveirense José Rodrigues de Paula Graça, «homem que andou muitos anos pelo Brasil, sem nunca sofrer qualquer acidente de que resultasse manqueira».

Supõe o meu informador que o ofertante da bengala de prata a teria dado ao S. Gonçalinho no cumprimento da promessa de dar ao Santo uma bengala de prata se nas suas muitas andanças por ásperas terras brasileiras nunca ter tido qualquer acidente, que, por manqueira, viesse a precisar do arrimo da bengala. Esta informação interpretativa do meu gentil informador tem plausibilidade.

## AS PEGADINHAS DE S. GONÇALO E AS COVINHAS FEITAS PELA SUA BENGALA

Na freguesia de Luzim, concelho de Penafiel, há uma pedra de granito grosseiramente cônica, toscamente aparelhada e espetada a prumo na terra. Tem 2 m e 20 cm de altura e é conhecida na região pelo nome de *marco de Luzim*. De colaboração com o amigo P.<sup>o</sup> José Monteiro de Aguiar apresentamos em 1940 ao 1.<sup>o</sup> Congresso dos Congressos do Mundo Português o trabalho *O menhir de Luzim (Penafiel)* <sup>(1)</sup>.

A atestar a natureza pré ou proto-histórica do *marco de Luzim* há junto dele uma mamôa e um pequeno conjunto de gravuras rupestres em forma de pègadas e covinhas, conhecidas pelo nome de *pegadinhas de S. Gonçalo*.

As figs. 6 e 7 do trabalho cit. mostram 4 pègadas pequenas, como de criança, postas em dois pares, frente a frente, e 3 covinhas.

Aquelas pègadas, diz a lenda, resultaram da impressão dos pés de S. Gonçalo e as covinhas foram feitas pela ponteira da bengala do mesmo Santo.

Este, zangado por a gente de Perozêlo não lhe deixar fazer ali um mosteiro, dali arremessou a bengala que, milagrosamente, foi cair a algumas léguas, em Amarante, no sítio onde hoje existe a igreja consagrada a este Santo casamenteiro <sup>(2)</sup>.

---

(1) P.<sup>o</sup> José Monteiro de Aguiar & J. R. dos Santos Júnior, *Menhir de Luzim (Penafiel)*, in «Congresso do Mundo Português», 1940, I Volume-Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso de Pré-história e Proto-história; Lisboa, 1940, págs. 209-217, e 7 figs.

(2) Lenda similar se conta referente à Senhora da Penêda que teria aparecido em forma de pomba a uma pastora que apascentava um rebanho. Leite de Vasconcelos no seu livro *De terra em terra*, Lisboa, 1927, Vol. I, escreve: «A uma pessoa ouvi também que a Senhora no Alto do Miradouro atirara com a sua cacheirinha ao longe, a qual caíra no sítio em que se levantou o mosteiro (sinónimo de igreja grande)».

Quanto ao atributo de santo casamenteiro das velhas que lhe confere o povo, o Rev. P.<sup>o</sup> João Gonçalves Gaspar no seu livrinho citado, na

Outra lenda diz que aquelas pègadinhas, «umas para lá e outras para cá», são, não de um S. Gonçalo mas de dois S. Gonçalinhos, um de Amarante e o outro de Jogueiros (<sup>1</sup>), que ali se encontravam quando faziam visita um ao outro.

Das quatro pègadas, as duas do lado norte são mais perfeitas do que as outras, distinguindo-se, excepcionalmente, numa delas, a indicação dos dedos.

É interessante acentuar que neste par de pègadas, a da direita corresponde ao pé esquerdo e a da esquerda ao pé direito.

As outras duas pègadas não são tão perfeitas e uma delas apresenta um esboço de covinha na parte correspondente ao calcanhar.

## O SIMBOLISMO NO RITO DO ATIRAR AS CAVACAS

O atirar das cavacas na festa do S. Gonçalinho é um velho e inveterado costume daquela bem movimentada festa.

---

pág. 16, escreve que «entre gentes que acorriam à sua ermida sobre o Tâmega e à sua pregação sempre moralizante, se evidenciaram os habitantes da freguesia de Aboadela do Marão então denominada de *Ovelha*. Como o bondoso apóstolo conseguisse religiosamente legalizar muitos casais daquela terra, que viviam em relações imorais, começaram a apelidá-lo de casamenteiro dos de *Ovelha*, alcunha que estropiada chegou aos nossos dias».

Outra razão que também pode evocar-se é a de muitos casais, não só de *Ovelha* mas também de outras aldeias, há muito juntos e quiçá com uma ranchada de filhos e talvez de netos, à pregação de S. Gonçalo terem legalizado o seu matrimónio em obediência aos justos preceitos católicos. Daí o de no acto do casamento serem já velhos o homem e a mulher consorciantes. O povo no apurado sentido de que é mais fácil casar o homem do que as mulheres, restringiu às velhas a acção consorciante do Santo.

(<sup>1</sup>) Jogueiros é uma importante povoação da freguesia de Santa Clara do Torrão, do Concelho do Marco de Canavezes situada na margem direita do Tâmega encaixada na área do Concelho de Penafiel, onde existe uma capela pública dedicada a S. Gonçalo, com estrondosa festa anual; fica imediatamente a sul de Luzim, enquanto que Amarante fica muito para Norte.

É velha usança sem dúvida imbuída de sentimento religioso, mas, ao mesmo tempo, carregada do sentido mágico do arremesso, no qual podemos considerar pelo menos 4 elementos.

É que sempre que se atira ou arremessa qualquer coisa há que atentar ao que se atira, como se atira, para onde se atira, com que finalidade se atira e ainda, como é usual em algumas práticas rituais, aos dizeres ou fórmulas votivas que antecedem ou acompanham o acto simbólico do arremesso.

Pela variação de algum ou alguns destes elementos se constituem as modalidades regionais.

No simbólico arremesso das cavacas entram pelo menos quatro dos elementos que acabamos de apontar.

As cavacas em si mesmas, o *atirá-las* como quem atira uma pedra, o serem atiradas da platibanda do *alto da capela*, para a *multidão* que à roda da capela está preparada para as apanhar.

Ainda poderíamos considerar mais um elemento quanto à quantidade, de cavacas que vão ser atiradas. Não consegui averiguar se o acto do arremesso das cavacas é precedido ou acompanhado de qualquer dizer ou fórmula votiva.

#### *A cavaca em si mesma*

A cavaca é grande com o comprimento de cerca de um palmo. Tem a forma sensivelmente elíptica alongada, um tanto enconchada, que lembra uma pègada em terra mole.

São largamente pulvilhadas de açúcar.

Algumas têm a toda a roda um rebordo mais ou menos soerguido, às vezes mais levantado num dos topos, que parece querer representar a proa dum barco.

No entanto a impressão de pègada foi a primeira que se nos impôs, aliás talvez por me lembrar das *pègadinhas* de *S. Gonçalo* que vi e estudei num penedo de granito junto ao *menhir de Luzim* a que atrás me referi.

Das cavacas que comprei, conservo uma que tem de comprimento 19 cm, largura 8,5 cm, grossura 10 a 12 mm e de peso 80 gr.

### *O atirar das cavacas*

O atirar ou arremessar isto ou aquilo, umas vezes simplesmente para diante, outras vezes para os lados, ou para trás das costas, que aparece em velhas costumeiras do nosso povo e no de muitos países da Europa, tem sido considerado pelos etnógrafos como um rito propiciatório.

No trabalho *O arremesso dos dentes de leite*, publicado em «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, vol. XIX, Porto, 1965, págs. 299-351, publiquei as muitas modalidades do generalizado costume de a criança quando lhe cai o primeiro dente de leite, o atirar, para trás das costas, quer para cima do forno ou do telhado, para a borrarreira ou cinzeiro, para trás da porta, ou simplesmente para a terra, ou ainda metê-lo no buraco duma parede.

Em 24 págs. publiquei as muitas modalidades do simbólico arremesso dos dentes de leite correntes em muitas terras de norte a sul do país, e as locuções ou fórmulas votivas que antecedem o atirar do dentinho.

Depois nas páginas 321 a 342 procurei discernir os vários elementos inerentes ao arremesso dos dentes de leite e interpretar o singelo acto de atirar qualquer coisa com finalidade peticionária ou propiciatória.

O arremesso em si mesmo, isto é, o simples acto de atirar, tem, em certas práticas votivas, um significado criador, e, certamente, de fundo mitológico <sup>(1)</sup>.

---

(1) Ao arremesso em si mesmo, isto é, o simples gesto de arremessar pode artubuir-se ignificado criador.

Isto foi posto para o arremesso dos dentes de leite em justo realce por André Schillings (*A propos d'une coutume infantine*, in «Revue Anthropologique», 39.<sup>e</sup> Année, Paris, pág. 406), e por Santyves (*Le valeur du jet magique comme rite de ficondité* (A propos de la note de M. André

Tanto o arremesso do dentinho de leite, como tantos outros actos de atirar certas coisas, de certa maneira, para determinados sítios, em obediência a consagrados preceitos, entram na categoria de mitos.

Os mitos, como escrevi nas págs. 342 e 343 do meu cit. trabalho, são um conto ou narrativa, uma atitude ou modo de comportamento que correspondem a uma estreita dependência duma coisa humana inexplicável com alguma coisa transcendente, invisível, superior, divina, que seria a razão determinante das coisas humanas a que se desconhece a verdadeira razão de ser. O mito é um arrimo a encobrir a ignorância dos homens.

E assim é que a credence popular, a superstição, julga que seres imaginários e superiores, quase divindades, dotados de excepcionais faculdades, são a razão de ser de muitas coisas humanas, e que, por meio de ritos peticionários, se pode conseguir o seu auxílio altamente benéfico.

O arremesso dos dentes de leite é feito quase sempre para trás das costas, para o mundo dos espíritos, apresenta em algumas das suas modalidades, actos, comportamentos, ou expressões, que, sem a menor dúvida, se enquadram na magia de simpatia. Neste tipo de magia o semelhante actua sobre o semelhante por acção dum ser superior, que é a expressão suprema e transcendente do mito.

---

Schillings), id. id. id. págs. 407-411), 40.<sup>e</sup> année, Paris, 1930, págs. 87-89), Este último autor, sem negar a significado simbólico do simples arremesso, na pág. 88 do seu trabalho realçou o facto de ter significado simbólico o arremesso para trás das costas, interpretado como um sacrifício ou manifestação de culto prestado aos espíritos dos mortos, para neutralizar a sua possível malignidade e, ao mesmo tempo, antes, e sobretudo, conquistar a sua também possível e ampla acção bem-fazeja. É crença geral que esses espíritos estão na posse do segredo da vida e têm a virtude mágica de a fazer renascer.

Com tal poder, que a superstição lhes atribui, é lógico acreditar que possam regular, orientar e dirigir o nascimento e o crescimento do novo dente que há-de vir a substituir o dente caído.

O comportamento, atitude peticionária e votiva, com a adjuvância mágica de qualquer coisa semelhante àquilo que se pede — materialização concreta daquilo que se busca, — procura conseguir que o poder superior que se evoca, por seu intermédio, se transmita à coisa humana e seja exercido do modo mais conveniente e profícuo.

Assim o simples acto de atirar as cavacas do alto da capela de S. Gonçalinho pode interpretar-se como comportamento votivo e peticionário ao Santo, para que sempre mantenham a integridade fisiológica do braço a permitir fácil e amplo gesto de atirar o quer que seja.

*Para onde se atiram as cavacas*

Antigamente o terraço empedrado fronteiro à capela de S. Gonçalinho era um terreiro. Naquele chão de terra se dançava e ali se espetava o pau ensebado, com sua regueifa de pão, peixota de bacalhau e cabaça de vinho amarrados na ponta.

É também para diante e para a terra que o lavrador lança as sementes no acto da sementeira dos cereais. Acto nitidamente concretizante de criação das seares.

Por tal motivo os arremessos para diante do quer que seja a arremessar, corrente em tantas usanças de magias mitológicas, têm sido interpretados como gestos simbólicos de criação.

O certo porém é que não se podem atirar as cavacas sem o antecipado e vibrante toque da sineta, aviso condicionante do ajuntamento de pessoas no intento de apanhar as cavacas caídas no chão ou pescadas no ar, com sacos de rede nas pontas de paus ou com guarda-chuvas abertos e seguros ao alto pelas ponteiras.

Quer dizer, atirando-se do alto da capela para baixo, em direcção à terra, tal arremesso não deve fazer-se sem que haja gente sempre manifestamente ansiosa de apanhar as cavacas.

Confesso o embaraço de interpretação destes condicionamentos, a menos que seja o evitar cabeças rachadas.

*Por que se atiram as cavacas*

Em face das peças de cera atrás referidas, pernas, pés, braços, mãos, cabeças, argolas ou gargantilhas e estatuetas, trazidas por romeiros devotos, certamente no cumprimento de promessas feitas pela obtenção de cura ou alívio de moléstias penosas nas partes do corpo que as peças de cera simbolicamente representam, pode dizer-se que se evocou a intercessão do milagroso S. Gonçalinho na cura ou alívio de doenças das partes do corpo simbolizadas pelas respectivas peças de cera.

Isto porém parece não poder participar do gesto do atirar cavacas, que, podendo ser interpretado, como dissemos, como um gesto de criação, fica-se sem saber que tipo, ou que tipos de criação hajam em vista os atiradores de cavacas. Provavelmente poderão ser múltiplos, dado o ilimitado poder da santidade, mas, sem dúvida, todos salutareos e benéficos.

É grandemente embaraçosa a procura da razão do arremesso das cavacas, e confesso não atinar com a sua interpretação.

*A quantidade de cavacas a atirar*

Certamente que a quantidade de cavacas a atirar, um ou mais quilos, depende do fervor peticionário da impetração feita ao milagroso S. Gonçalinho.

Dois tipos de oferenda quanto à quantidade de cavacas a atirar do alto da capela fiquei a saber, por gentil informação de um dos mordomos da festa deste ano de 1984.

Uma das oferendas, informou o mordomo, pode ser atirar tantas cavacas quantas as que em comprimento correspondem à estatura do ofertante.

Como o tamanho das cavacas se pode considerar tendo mais ou menos uns 19 a 20 cm de comprimento por 8 a 9 cm de largura pode-se calcular o número de cavacas, postas lon-

gitudinalmente ou ao través, necessárias para dar a altura do ofertante.

Outra informação, que me pareceu um tanto estranha, e que não consegui confirmar ou infirmar, é a de que a quantidade de cavacas a atirar deve ser de tantos quilos quantos pesa a pessoa. A um meu reparo o informador disse que não era forçoso atirá-las todas de uma vez, mas que podiam ser espaçadas por vários anos. Acrescentou que no caso de morte não ter sido cumprida totalmente a promessa, a família assume o encargo, que será religiosamente cumprido, de atirar, num ou mais anos, o número de quilos de cavacas que faltar para completar o número de quilos que pesava o promissor na altura em que fez a promessa.

### CONCLUSÕES

Na festa do S. Gonçalinho há duas manifestações um tanto estranhas que são o atirar das cavacas e a dança dos mancos.

O atirar das cavacas pode considerar-se como um rito de arremesso, que por ser atirado para diante, entra na categoria dos ritos de criação.

Mas porquê as *cavacas rijas*?

Não conseguimos averiguar a razão deste tipo de cavacas, como aliás de outras manifestações devotas, cujos fundamentos ficam por desvendar como atrás deixei indicado no texto.

Quanto à dança dos mancos, tanto quanto pude averiguar, era de norma fazer-se ao fim da tarde do segundo dia de festa, no terreiro em frente da capela durante a entrega do ramo aos novos mordomos, e na terça-feira, entre as 23 e 24 horas, diante do altar de S. Gonçalinho com a capela de portas fechadas.

Esta dança dentro da capela que sempre se fazia nos mais anos atrás era o remate da festa.

Neste ano de 1984, como ficou dito, a dança dentro da capela esteve anunciada para a noite de segunda-feira, foi

adiada para terça-feira à noite e terminou por não se fazer por «os rapazes estarem cansados do trabalho da tarde».

Parece que a dança nos mais anos passados era feita por devotos sãos e escorreitos que *simulavam manqueira*, cada um a seu jeito, embora nela comparticipassem acidentalmente um ou outro manco. Sendo assim, como informaram que era, a dança não era dos mancos mas de sãos e escorreitos a fazer de mancos.

De qualquer modo, e embora fiquem por esclarecer as razões de alguns estranhos mas bem característicos comportamentos dos devotos e festeiros da romaria de S. Gonçalinho, procuramos dar a contextura geral da festa que, desde há muitos anos, os pescadores e mareantes do antigo bairro da Beira-Mar fazem ao S. Gonçalinho.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»  
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto  
12 Fevereiro de 1984.